

EDUCAÇÃO E LINGUAGENS EM UMA ESCOLA INDÍGENA CHIKUITANO: SABERES, PRÁTICAS E IDENTIDADE CULTURAL

Leiliane Chuê Muquissai¹

Emerson Tossué Soares²

Francineli Cezarina Lara³

RESUMO: Este trabalho investiga a importância das múltiplas formas de linguagem no processo de ensino-aprendizagem em uma escola estadual indígena Chiquitano, localizada na Aldeia Vila Nova Barbecho, no município de Porto Esperidião-MT. A pesquisa, de caráter qualitativo, descritivo e exploratório, buscou compreender como diferentes manifestações linguísticas verbais, corporais, visuais, gestuais e simbólicas, são incorporadas às práticas pedagógicas e como contribuem para o fortalecimento da identidade cultural e da aprendizagem dos estudantes. Os procedimentos metodológicos incluíram observação participante e análise de documentos institucionais, como o Projeto Político-Pedagógico, materiais didáticos e produções escolares. Os resultados evidenciam que a escola desempenha um papel central na valorização dos saberes tradicionais, na promoção de práticas educativas interculturais e na revitalização da língua e da cultura Chiquitano. Ressalta-se, portanto, que a diversidade linguística, quando reconhecida e integrada à proposta curricular, favorece um ensino mais significativo, inclusivo e culturalmente sensível, contribuindo diretamente para a revitalização da língua originária e a preservação da memória coletiva do povo Chiquitano.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Cultura Chiquitano. Escola indígena. Interculturalidade.

EDUCACIÓN Y LENGUAJES EN UNA ESCUELA INDÍGENA CHIKUITANA: SABERES, PRÁCTICAS E IDENTIDAD CULTURAL

RESUMEN: Este trabajo investiga la importancia de las múltiples formas de lenguaje en el proceso de enseñanza-aprendizaje en una escuela estatal indígena chiquitana, ubicada en la Aldea Vila Nova Barbecho, en el municipio de Porto Esperidião-MT. La investigación, de carácter cualitativo, descriptivo y exploratorio, buscó comprender cómo diferentes manifestaciones lingüísticas, verbales, corporales, visuales, gestuales y simbólicas, son incorporadas a las prácticas pedagógicas y cómo contribuyen al fortalecimiento de la identidad cultural y del aprendizaje de los estudiantes. Los procedimientos metodológicos incluyeron observación participante y análisis de documentos institucionales, como el Proyecto Político-Pedagógico, materiales didáticos y producciones escolares. Los resultados evidencian que la escuela desempeña un papel central en la valorización de los saberes tradicionales, en la promoción de prácticas educativas interculturales y en la revitalización de la lengua y la cultura chiquitana. Se destaca, por tanto, que la diversidad lingüística, cuando es reconocida e integrada a la propuesta curricular, favorece una enseñanza más significativa, inclusiva y culturalmente

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras, Habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. E-mail: emerson.soares@unemat.br

² Graduando em Licenciatura em Letras, Habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. E-mail: leiliane.chue@unemat.br

³ Profa. Dra. em linguística pela Universidade Complutense de Madrid em cotutela pela Universidade do Estado de Mato Grosso e orientadora deste trabalho. Integrante do grupo de estudos Cnpq: Mato Grosso modos de dizer e falares. Membro do projeto de pesquisa: Significar Mato Grosso. Membro do grupo de pesquisa LALINGAP e MIRIADI. E-mail: francineli.lara@unemat.br

sensible, contribuyendo directamente a la revitalización de la lengua originaria y a la preservación de la memoria colectiva del pueblo chiquitano.

Palabras clave: Enseñanza-aprendizaje. Cultura chiquitano. Escuela indígena. Interculturalidad.

Introdução

A diversidade linguística e cultural constitui uma característica fundamental das escolas indígenas, especialmente em contextos como o das comunidades Chiquitano, onde as formas de linguagem ultrapassam a dimensão verbal. A educação escolar nas comunidades indígenas precisa considerar o valor das múltiplas formas de comunicação — como as linguagens gestual, visual, corporal, entre outras — para garantir que o processo de ensino-aprendizagem seja efetivo, respeitoso às especificidades culturais e promotor do desenvolvimento integral dos estudantes.

Este trabalho surgiu da necessidade de compreender como essas diversas formas de linguagem influenciam o aprendizado em escolas indígenas, com ênfase na etnia Chiquitano. A pesquisa buscou analisar de que modo as práticas pedagógicas incorporam e valorizam essas linguagens, bem como os impactos dessas ações na aprendizagem dos alunos.

Intitulado “Educação e Linguagens em uma Escola Indígena Chiquitano: Saberes, Práticas e Identidade Cultural”, este estudo também representa uma etapa formativa na trajetória dos autores enquanto acadêmicos do curso de Licenciatura em Letras – Português/Espanhol. Por sermos residentes na aldeia e sujeitos implicados nesse território, a pesquisa constituiu uma experiência significativa e enriquecedora.

Ao tratar das formas de linguagem, Pacini (2012) destaca que:

A linguagem é auxiliar para aprender os códigos simples[...] também podemos dizer que as artes são uma expressão de linguagem da mais alta capacidade humana de se expressar e transcender. [...] A corporificação marca a identidade da pessoa com pinturas e roupas, o corpo social age sobre o corpo biológico. [...] Ao contar histórias, as formas gráficas se constituem em meios de interação social e formam parte de um discurso, são veículos de comunicação narrativa (Pacini, 2012, p. 451).

Para o registro das múltiplas formas de linguagem presentes na escola pesquisada, realizou-se uma investigação pautada na observação e na escuta qualificada da realidade local e de sua complexidade. A escola exerce um papel essencial na vida da comunidade, especialmente no que se refere à retomada cultural, ao fortalecimento da identidade étnica e à luta pelos direitos originários, assegurando uma educação específica e diferenciada que contemple as particularidades do povo Chiquitano.

A participação comunitária na vida escolar é ativa: os anciãos desempenham um papel importante ao compartilhar seus saberes ancestrais, e os estudantes reconhecem o valor dessa transmissão no processo de aprendizagem.

1. Aldeia Vila Nova Barbecho: aspectos históricos, geográficos e sociais

A Aldeia Vila Nova Barbecho localiza-se no município de Porto Esperidião, estado de Mato Grosso, próxima à fronteira com a Bolívia, sendo uma das comunidades da etnia Chiquitano que habita a região da fronteira oeste brasileira. Essa aldeia integra um território tradicionalmente ocupado por povos indígenas que vivenciam intensamente as dinâmicas socioculturais transfronteiriças, como o bilinguismo e o contato constante com diferentes práticas culturais e educacionais.

Historicamente, os Chiquitano enfrentaram processos de invisibilização e disputas territoriais, mas também de resistência e afirmação cultural, o que tem fortalecido a organização comunitária em torno da educação escolar indígena diferenciada. A implementação de espaços educativos próprios representa um marco nesse processo de fortalecimento identitário, pois busca garantir um ensino que respeite e valorize os saberes tradicionais e as especificidades linguísticas da comunidade.

Geograficamente, a aldeia está situada em uma região de planície e cerrado, marcada pela presença de rios, áreas de mata e elementos que compõem o bioma do Pantanal mato-grossense. Essa paisagem influencia diretamente o modo de vida da comunidade, desde a alimentação e as práticas de subsistência até os rituais culturais e as expressões simbólicas que permeiam a vida coletiva.

Socialmente, observa-se uma organização comunitária fundamentada na coletividade, nas decisões tomadas em conselhos locais e na valorização dos mais velhos como guardiões dos saberes ancestrais. A comunidade mantém uma estrutura social própria, baseada em relações de parentesco, redes de solidariedade e na transmissão intergeracional de conhecimentos tradicionais, o que se reflete também nas práticas educativas.

Nesse contexto, a escola funciona não apenas como espaço de ensino formal, mas como uma instância de mediação entre os conhecimentos tradicionais e os saberes acadêmicos, exigindo uma abordagem pedagógica que respeite as formas próprias de linguagem, comunicação e aprendizagem dos estudantes Chiquitano.

2. Referencial Teórico

Diante da diversidade de manifestações linguísticas, é possível conceituar linguagem como um sistema de comunicação composto por sinais, sons, palavras, gestos ou símbolos, utilizado para expressar pensamentos, sentimentos, ideias e informações. A linguagem pode se manifestar de forma verbal — oral ou escrita — e não verbal, por meio de gestos, expressões faciais, imagens, entre outros recursos. Em muitos contextos, especialmente entre os povos indígenas, ambas as formas coexistem e se complementam, evidenciando a criatividade humana em buscar os meios mais adequados para comunicar-se com seus semelhantes, com a natureza e até com o plano sobrenatural ou cósmico.

Conforme destaca o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas: “Todos os homens nascem com a capacidade de utilizar a linguagem, característica universal da espécie humana. E a linguagem serve para que seres humanos possam fazer muitas coisas: a linguagem tem muitas funções” (RCNE/Indígena, 1998, p.113).

A linguagem, portanto, constitui-se como uma forma de expressão cultural, social e identitária. Assim, é inegável que, onde há vida em sociedade, há linguagem — ainda que as línguas utilizadas sejam diversas, e as formas de comunicação apresentem variações conforme os contextos socioculturais dos grupos envolvidos.

A diferença linguística não é, geralmente, impedimento para que os povos indígenas se relacionem e casem entre si, troquem coisas, façam festas ou tenham aulas juntos. Esses sistemas multilíngues são um exemplo de que as pessoas podem viver lado a lado, em paz, sem terem que falar, todas, a mesma língua. Às vezes, nesses contextos, uma das línguas se torna o meio de comunicação mais usado, torna-se a língua-franca. Essa é utilizada por todos, quando estão juntos, para superar as barreiras de compreensão” (RCNE/Indígena, 1998, p.116).

Ao refletirmos sobre o conceito de multilinguismo, podemos compreendê-lo como a capacidade de um indivíduo utilizar duas ou mais línguas para fins comunicativos. No contexto da etnia Chiquitano, observa-se essa realidade principalmente entre os anciãos, muitos dos quais dominam a língua originária, o espanhol e o português. Essa prática linguística múltipla também se manifesta no ambiente escolar, onde as crianças têm acesso a conteúdos em diferentes línguas, como o português, o inglês e a língua indígena Chiquitano.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas: “São faladas no país, hoje, por cidadãos brasileiros natos, cerca de 180 línguas indígenas. O Brasil é, portanto, um país multilíngue.” (RCNE/Indígena, 1998, p. 115).

No contexto educacional observado, o processo de ensino-aprendizagem é orientado por uma perspectiva que respeita as especificidades culturais do povo Chiquitano, aliando saberes tradicionais aos conhecimentos da sociedade não indígena. Busca-se, assim, reconhecer e

incluir diferentes identidades culturais, estimular o diálogo intercultural e promover a convivência respeitosa entre os diversos sujeitos escolares.

Um exemplo concreto dessa abordagem é a realização de intercâmbios com escolas não indígenas ao longo do ano letivo, o que fomenta espaços de trocas e aprendizagens interculturais. A escola tem se empenhado em contribuir para a formação integral dos estudantes, pautada na superação de estereótipos, preconceitos e discriminações, incentivando a valorização da diversidade linguística e cultural. Essa prática visa formar sujeitos empáticos, autênticos e conscientes do valor das línguas e culturas em contextos plurais.

Destaca-se, ainda, a importância da diversidade linguística no cotidiano escolar, pois ela permite que cada criança conviva de forma igualitária com outras culturas e se reconheça como sujeito inserido em uma sociedade multilíngue. As práticas pedagógicas que valorizam as linguagens corporais, visuais e orais revelam-se fundamentais para o processo de aprendizagem, pois ampliam a compreensão dos conteúdos ensinados. Ao ultrapassar o modelo tradicional centrado exclusivamente na escrita, promove-se um ensino mais criativo, interativo e significativo, fruto de uma construção coletiva e culturalmente situada.

A fundamentação teórica deste estudo está ancorada na compreensão das múltiplas formas de linguagem e de sua influência no ensino-aprendizagem, sobretudo em contextos indígenas. O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNE/Indígena, 1998) destaca:

O homem usa a linguagem para expressar seus pensamentos, suas emoções e sentimentos, seus sonhos, seus desejos e intenções, pode usá-la para convencer e para construir discursos políticos, para fazer poesias, descrições, fatos. É a linguagem, também, que nos permite criar narrativas, cantos, rezas e mitos, espaços onde buscamos dar sentido para a nossa própria existência. A linguagem não é somente um instrumento de expressão humana, não é apenas um instrumento de comunicação entre o homem e seus semelhantes, entre o homem e suas entidades divinas. Ela serve, também, para dar nomes às coisas e às pessoas, para organizar coisas e pessoas em categorias. A linguagem serve para pensar e avaliar o mundo, serve para raciocinar, fazer operações, planejar ações. Graças à faculdade da linguagem os homens transmitem conhecimentos já adquiridos e aumentam, o tempo todo, o seu saber, adquirindo novos conhecimentos (RCNE/Indígena, 1998, p.113).

Assim como nos traz o RCNE/Indígena (1998), que a linguagem transmite a cultura de uma geração para outra, é considerado um documento de identidade de um povo. Comungando também dessa concepção, que nós entendemos a importância de realizar os registros dessas expressões diversas de linguagens presentes na vida de nosso povo, neste momento de maneira específica, na vida da escola.

A linguagem é, quase sempre, o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas. É por meio do uso da linguagem que a maneira de viver de uma sociedade é expressa e passa, constantemente reavaliada, de uma geração para outra. Os modos específicos de usar a linguagem são, por isso, como documentos de identidade de um povo num determinado momento de sua história. (RCNE/Indígena, 1998, p.113).

A linguagem permeia a vida cotidiana na aldeia, manifestando-se nas interações sociais, nos rituais, nas práticas culturais e no convívio comunitário. No entanto, há um espaço em que essa presença pode ser observada de forma mais sistemática e intencional: o ambiente escolar. Como aponta o RCNE/Indígena (1998), “as escolas indígenas são espaços onde algumas dessas diferentes línguas estão, hoje, presentes, ou poderão, no futuro, se encontrar”.

Nesse contexto, a escola configura-se como um espaço privilegiado para a construção de relações educacionais, de convivência intercultural e de aprendizados mútuos. De acordo com o Projeto Político-Pedagógico (PPP, 2024), desde sua aprovação e implementação na aldeia, a instituição tem se empenhado em consolidar-se como uma escola específica, diferenciada e comprometida com a qualidade, buscando atender às necessidades e respeitar as identidades do povo Chiquitano. Conforme destaca o próprio PPP:

Com a criação da escola específica e diferenciada dentro da nossa aldeia, com profissionais indígenas Chiquitano tem proporcionado com maior ênfase a revitalização e fortalecimento das práticas Culturais do nosso povo, nas festas e rituais, na dança, nas pinturas corporais, na confecção de artesanatos enfim nos diversos aspectos, mas principalmente na Língua Materna Chiquitano. A escola é uma parceira na revitalização e fortalecimento destas práticas, pois trabalha em parceria com a comunidade trazendo para dentro da escola os saberes dos anciãos de modo que possibilite a valorização de ambos os conhecimentos aos estudantes Chiquitano (PPP, 2024, p.1).

Nesse sentido, a escola não apenas ensina conteúdos curriculares, mas também colabora com a valorização das práticas socioculturais e linguísticas da comunidade, promovendo a articulação entre os saberes tradicionais e os saberes escolares.

Segundo Luciano (2017), “o primeiro aspecto das línguas indígenas é, portanto, o seu caráter sóciocósmico, no sentido de que elas propiciam o elo, a conexão e a comunicação com os mundos existentes”. Esse caráter sóciocósmico constitui um traço distintivo das culturas indígenas, pois, conforme reforça o mesmo autor:

Elas expressam e organizam cosmologias, epistemologias, racionalidades, temporalidades, valores e espiritualidades. [...] Por meio dessa capacidade privilegiada de comunicação transcendental, o homem ou a mulher indígena exerce seu papel de destaque na mediação entre os seres da natureza, por meio de diversas formas de linguagem: palavras, cantos, músicas, rezas, rituais, cerimônias, etc. (Luciano, 2017, p. 229).

Além da dimensão sociocultural, Luciano (2017) destaca que as línguas indígenas também possuem um caráter político-pedagógico, que se manifesta nas diversas formas de comunicação presentes no cotidiano, nas práticas especializadas, nos rituais e nas expressões simbólicas próprias de cada povo.

Esses aspectos ressaltam que as línguas indígenas não são apenas instrumentos de comunicação, mas também veículos de transmissão de saberes, de resistência cultural e de construção identitária coletiva.

Diante do exposto, é possível compreender que a linguagem, em suas múltiplas formas, exerce um papel central na constituição dos sujeitos indígenas e na mediação dos saberes que circulam no contexto escolar. A valorização da diversidade linguística e cultural, aliada às práticas pedagógicas específicas e diferenciadas, revela-se essencial para promover uma educação comprometida com a identidade, a memória coletiva e os direitos dos povos originários. Nesse sentido, destaca-se o compromisso da comunidade com o processo de revitalização da língua Chiquitano, fortalecendo o pertencimento étnico e reafirmando sua existência como povo. Essa perspectiva está em consonância com o lema da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável — “*não deixar ninguém para trás*” —, especialmente no que se refere à garantia de uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade para todos (ODS 4). Além disso, dialoga com os princípios da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022–2032), proclamada pela UNESCO, que defende a proteção, valorização e revitalização das línguas indígenas e minoritárias. Como reforça a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996), todo povo tem direito à preservação e ao desenvolvimento de sua língua, em especial nos espaços institucionais, como a escola. Com base nesse entendimento, passamos à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

3. Metodologia

A metodologia adotada neste trabalho foi de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva. De acordo com Kauark et al. (2010, p. 26-28):

Pesquisa Qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. **Pesquisa Exploratória:** objetiva a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, ou à construção de

hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso. **Pesquisa Descritiva:** visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento (Kauark, *et. al*, 2010, p. 26 - 28).

A pesquisa foi realizada *in loco*, com a presença dos autores na escola indígena, acompanhando o cotidiano escolar⁴. Foram realizadas observações diretas em turmas do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA, em diferentes momentos do ano letivo, com o objetivo de identificar as formas de linguagem utilizadas pelos docentes e discentes no processo de ensino-aprendizagem.

As observações permitiram verificar o uso de múltiplas linguagens — verbal, não verbal, visual, gestual, corporal e simbólica — integradas às atividades pedagógicas, como cantos, leituras compartilhadas, desenhos, pinturas, debates, exibição de filmes, produção textual e uso de recursos como gráficos e mapas.

Além das observações, foram analisados documentos institucionais da escola, como o Projeto Político-Pedagógico (PPP), planos de aula, materiais didáticos próprios, como a *Coleção Didática Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso* e o livro *Marcadores do Tempo na Cultura do Povo Chiquitano* (2022). Esses documentos possibilitaram compreender como os saberes tradicionais estão integrados ao currículo e às práticas educativas.

O registro e a análise desses dados fundamentaram a discussão apresentada na próxima seção.

4. Análise dos materiais e documentos

A análise documental foi um dos pilares fundamentais desta pesquisa, proporcionando uma compreensão mais ampla das práticas pedagógicas e das linguagens presentes no contexto escolar indígena Chiquitano. Os principais materiais analisados foram o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, a *Coleção Didática Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso* e o livro *Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano*.

⁴ Em conformidade com o inciso VII do parágrafo único do artigo 1º do Comitê de Ética da UNEMAT, a presente pesquisa não necessita de apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que se caracteriza como um aprofundamento teórico de situações que emergem de forma espontânea e contingencial da prática profissional, sem a divulgação de dados que possibilitem a identificação de sujeitos. Dessa forma, o estudo não se enquadra entre aqueles que devem ser registrados ou avaliados pelo sistema CEP/CONEP.

Esses documentos revelam a presença marcante das múltiplas linguagens — verbais, não verbais, visuais e corporais — nas práticas educativas da escola, bem como o esforço coletivo pela valorização da cultura local e pela revitalização da língua Chiquitano. Os conteúdos abordam desde saberes tradicionais transmitidos por anciãos até metodologias pedagógicas específicas, que integram elementos da cosmologia e dos marcadores temporais do povo Chiquitano, como cantos de aves e ciclos da natureza.

Na Coleção Didática *Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano*, destacam-se ilustrações produzidas por estudantes, que retratam aves como a saracura, a anhumá e a assobiadeira. Esses animais são considerados indicadores naturais de mudança climática, e seus cantos e comportamentos fazem parte do conhecimento ancestral transmitido entre gerações. A presença desse tipo de conteúdo evidencia a valorização do conhecimento tradicional e sua articulação com o ambiente escolar.

Outro exemplo significativo é o calendário anual Chiquitano, que registra os períodos de frutificação de espécies nativas como o araticum, cajá e pitomba. Esse material expressa a relação entre tempo, natureza e cultura, e é trabalhado em sala de aula com o apoio dos anciãos, fortalecendo o vínculo entre o saber tradicional e a prática pedagógica.

A análise desses documentos confirma a importância das práticas educativas que reconhecem e promovem o conhecimento indígena como parte integrante do currículo escolar. Esse reconhecimento contribui não apenas para a valorização cultural, mas também para a afirmação da identidade Chiquitano e o fortalecimento do processo de revitalização linguística em curso.

Analisar o Projeto Político-Pedagógico (PPP) evidencia uma proposta de trabalho diversificada, que contempla práticas pedagógicas alinhadas às especificidades culturais do povo Chiquitano. Um dos aspectos centrais destacados no documento é a inclusão dos anciãos nas atividades escolares, valorizando seus saberes tradicionais e fortalecendo os vínculos intergeracionais no processo educativo. Esse protagonismo dos mais velhos está diretamente relacionado ao papel da escola na promoção e consolidação da identidade étnica Chiquitano.

Nesse sentido, conforme estabelece a legislação vigente:

Art. 3º Constituem objetivos da Educação Escolar Indígena proporcionar aos indígenas, suas comunidades e povos: I - a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências; II - o acesso às informações, conhecimentos técnicos, científicos e culturais da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas (Brasil, 2012, p 03).

Entre os materiais que refletem essa proposta pedagógica destacam-se a *Coleção Didática Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso* e o livro *Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano*. Ambas as obras exemplificam a participação ativa de professores e estudantes na documentação e valorização dos conhecimentos tradicionais, por meio da escrita e das representações visuais. Os desenhos elaborados pelos alunos traduzem uma metodologia própria de compreensão do tempo e da natureza, a partir da observação de fenômenos naturais e da relação cotidiana com o ambiente.

As imagens apresentadas a seguir foram extraídas da obra *Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano*, que integra a *Coleção Didática Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso*, publicada pela Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECITECI) em 2022. O material foi produzido com a participação de professores e estudantes de escolas indígenas do estado, incluindo a comunidade da aldeia Vila Nova Barbecho, e reflete saberes tradicionais por meio de registros gráficos e narrativas orais.

O capítulo analisado traz ilustrações feitas por estudantes Chiquitano, com o objetivo de documentar e transmitir conhecimentos ancestrais sobre a relação entre a natureza e o tempo, tendo como referência fenômenos naturais e comportamentos de animais — especialmente aves — considerados indicadores de mudanças climáticas. Essas imagens, mais que ilustrações, constituem uma forma de linguagem própria, integrando o universo simbólico e ambiental do povo Chiquitano ao contexto escolar.

Figura 01: A saracura e a anhuma como marcadoras do tempo no território Chiquitano



Fonte: Coleção didática saberes indígenas na escola em Mato Grosso (2022)⁵

5 Ilustrações: Feliciano Dilma Pinto (Saracura) e Carolina Muquissai da Luz (Anhuma).

Fonte: MATO GROSSO (Estado). *Coleção didática Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso: Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano*. Cuiabá: SECITECI, 2022, p. 22.

As aves representadas na Figura 1 — a saracura e a anhuma — são reconhecidas pelos Chiquitano como marcadores do tempo, por possuírem comportamentos que se associam a mudanças nos ciclos climáticos. Trata-se de um conhecimento ancestral, transmitido entre gerações por meio da oralidade e da observação cuidadosa da natureza.

O canto da saracura, por exemplo, tem diferentes significados dependendo do local em que ocorre: se canta no chão ou próximo aos córregos, anuncia chuva; se canta do alto das árvores ou durante o voo, sinaliza a aproximação da seca. De forma semelhante, a anhuma, quando sobrevoa áreas de água cantando baixo, anuncia chuvas intensas; e quando seu canto é mais alto, prenuncia longos períodos de estiagem.

Essas relações são apreendidas pelas crianças e jovens da aldeia como parte do processo de aprendizagem e fortalecimento da identidade cultural. O ato de desenhar essas aves em sala de aula, como fizeram as autoras das ilustrações, constitui uma prática pedagógica significativa, que articula linguagem visual, saber tradicional e pertencimento étnico.

A **saracura** com seu canto, marca dois tempos diferentes, dependendo do espaço em que está. Quando canta no chão, na beira do córrego, é sinal de chuva. Quando canta voando ou em cima de árvore é sinal de seca. A **anhuma** também tem um sinal parecido com o da saracura, tanto em seu canto, como na posição no espaço. Quando ela canta voando baixo por cima de um local de água, como um rio ou córrego, está indicando que vai acontecer muita chuva. Já quando canta muito alto, está indicando que a seca vai ser muito intensa (Mato Grosso, 2022, p. 22).

Nesse exemplo, podemos perceber a importante relação de existência entre o povo Chiquitano e as aves presentes no território, pois há um aspecto de comunicação na vida da comunidade. É um conhecimento que perpassa gerações.

Figura 02 – As andorinhas e a cobrinha assobiadeira como marcadores do tempo



Fonte: Coleção didática saberes indígenas na escola em Mato Grosso (2022)⁶

6 Ilustrações: Jander Samuel Chuê Manacá (Andorinhas) e Fabrício Ribeiro (Cobrinha assobiadeira).
Fonte: MATO GROSSO (Estado). *Coleção didática Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso: Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano*. Cuiabá: SECITECI, 2022, p. 22.

A relação do povo Chiquitano com a natureza não se limita à observação do ambiente físico, mas envolve uma complexa rede de interpretações simbólicas construídas a partir da convivência ancestral com os elementos do território. A Figura 2 exemplifica essa relação ao retratar dois importantes marcadores do tempo: as andorinhas e a cobrinha assobiadeira.

As andorinhas, quando revoam em grandes bandos, em altura semelhante à das nuvens, anunciam a chegada do frio intenso. Essa leitura é feita com base no comportamento das aves, que buscam exposição ao sol antes de se recolherem. Esse sinal é compreendido pelos mais velhos como um alerta natural, passado adiante por meio da oralidade e das experiências vividas no território.

Já a cobrinha assobiadeira, segundo o saber tradicional, ao emitir seus assobios, antecipa a chuva. A quantidade de assobios emitidos está relacionada à intensidade da precipitação — normalmente entre três e quatro. Esse saber é compartilhado em contexto familiar e cotidiano, demonstrando como o conhecimento ecológico tradicional se articula com a escuta atenta e a convivência próxima com o ambiente.

Esses exemplos reforçam o modo como o povo Chiquitano lê e interpreta os sinais da natureza a partir de uma linguagem própria, construída na experiência sensível e coletiva. Ao serem representados graficamente pelos estudantes, esses saberes são inscritos em novas formas de registro — visuais e escolares — que não substituem, mas complementam e fortalecem a transmissão cultural.

As andorinhas, quando realizam suas revoadas em grandes grupos, formando um fluxo aéreo semelhante a formigas no céu, indicam, segundo os Chiquitano, a aproximação de um frio intenso e duradouro. O comportamento dessas aves, que buscam intensamente o sol antes de se recolherem, é interpretado como um sinal da necessidade de proteção frente às baixas temperaturas. Já a cobrinha assobiadeira, conforme o conhecimento tradicional, ao emitir assobios, antecipa a chegada da chuva. A quantidade de assobios determina a intensidade da precipitação: geralmente, três ou quatro assobios indicam um dia chuvoso. Esse saber é transmitido oralmente entre gerações e está registrado no material pedagógico da escola indígena:

As **andorinhas** quando fazem suas revoadas, ficam igual formigas lá no ar, é sinal de que está chegando o frio, frio forte que vai demorar passar. Isso acontece para elas tomarem muito sol, porque depois precisarão se abrigar escondendo do frio. A **cobrinha assobiadeira**, quando assobia diz que vai

chover nas próximas horas. A quantidade de assobios indica a quantidade de chuvas que vai acontecer nesse dia. Geralmente em torno de três e quatros assobios (Mato Grosso, 2022, p. 22).

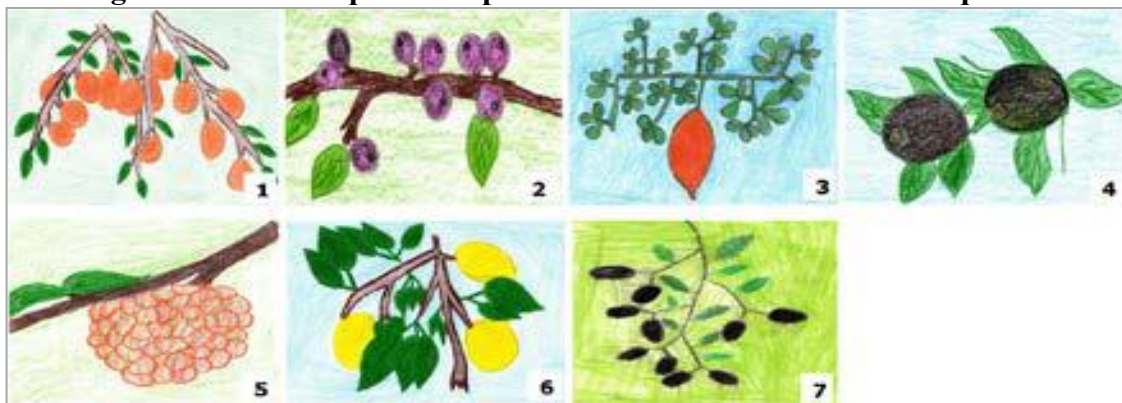
Além desses marcadores naturais, outro elemento importante presente no livro *Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano* é o calendário anual da frutificação e coleta de frutos nativos. Esse calendário associa o conhecimento tradicional aos meses do calendário ocidental, indicando o período de maturação de espécies típicas do campo limpo, cerrado e mata alta. Esse saber, transmitido por gerações, orienta práticas sustentáveis de coleta, alimentação e conservação ambiental.

Segundo o registro:

Esse material disponibiliza a época de maturação das frutas e coletas para os meios de sustentabilidades de nosso povo. Essa coleta é passada de geração para geração, espécies nativas do campo limpo, cerrado e mata alta. Para cada mês são apresentados exemplos ilustrados de espécie com frutos maduros naquele mês em questão. É importante ressaltar, no entanto que diferentes espécies podem apresentar variação quanto ao ciclo de frutificação e consequentemente a maturação aos longos dos anos ou mesmo dependendo do lugar. Desse modo, ainda relatamos que essas frutas estão bem distintas de nossos arredores devido a desmaterialização de áreas de fazendas. Porém os que ainda encontramos dentro onde é permitido a coleta, nós a coletamos. (MATO GROSSO, 2022, p. 45).

Como exemplo, o mês de fevereiro apresenta os seguintes frutos típicos do território Chiquitano: (1) Pitomba, (2) Cabritinho, (3) São Caetano, (4) Marmelada grande, (5) Araticum, (6) Cajá, e (7) Tarumã, conforme ilustração abaixo.

Figura 3 – Frutos típicos da época de fevereiro no território Chiquitano



Fonte: Coleção didática saberes indígenas na escola em Mato Grosso (2022)⁷

⁷ Fonte: MATO GROSSO (Estado). *Coleção didática Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso: Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano*. Cuiabá: SECITECI, 2022, p. 45.

A análise dos materiais disponíveis na escola revela a presença significativa de conteúdos voltados às narrativas indígenas, entre os quais se destacam livros paradidáticos, antologias de narrativas orais e escritas, e produções de Iniciação Científica Júnior. Esta última representa uma das conquistas recentes da instituição, resultante da participação na I Olimpíada Nacional e 2ª Mostra Estadual Científica de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas, realizada em Cuiabá, no ano de 2022.

Nessa coletânea científica, os quatro primeiros capítulos foram produzidos por estudantes do Ensino Médio da escola, com a mediação de professores orientadores — alguns deles bolsistas de Iniciação Científica Júnior (ICJ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Tais produções evidenciam uma importante travessia dos saberes indígenas em direção aos espaços de produção do conhecimento acadêmico, sem, contudo, romper com suas raízes culturais e modos próprios de significação.

Nesse sentido, o escritor e ambientalista indígena Ailton Krenak reflete sobre o impacto dessa transição da oralidade para a escrita entre os povos originários, apontando para uma complexa relação entre resistência e apropriação cultural:

pra povos que são de origem sem escrita, fazer uma travessia pra esse mundo da escrita, só isso já é um épico e ele deve ocultar trilhas insondáveis de alienação dessas identidades, até chegar nesse patamar da escrita e lidar com esse recurso da escrita com familiaridade. É bom não esquecer que os jesuítas vieram pra cá pra botar escolas e catequizar os índios [sic] e ensinar eles a ler e escrever. Enquanto os índios [sic] puderam resistir, eles não aprenderam a ler nem escrever. Então seria interessante a gente investigar se quando os índios [sic] estão lendo e escrevendo, se eles já se renderam ou ainda estão resistindo. (Krenak, 2016).

Essa perspectiva convida a pensar a escrita não como substituição da oralidade, mas como uma ferramenta de fortalecimento dos saberes tradicionais em novos espaços de circulação, como a escola e a universidade.

Na escola, é perceptível que muitas das atividades desenvolvidas estão organizadas em formato coletivo, envolvendo professores e estudantes dos diferentes níveis de ensino. Essas práticas fortalecem a convivência comunitária e promovem espaços de aprendizagem que respeitam os ritmos e modos próprios de organização do povo Chiquitano.

Ao refletir sobre a centralidade da linguagem nas cosmologias indígenas, Luciano (2017, p. 299) enfatiza que:

Por meio dessa capacidade privilegiada de comunicação transcendental, o homem ou a mulher indígena exerce seu papel de destaque na mediação entre os seres da natureza, por meio de diversas formas de linguagem: palavras, cantos, músicas, rezas, rituais, cerimônias, etc.

Para o povo Chiquitano, a prática cotidiana da língua originária se encontra em processo de revitalização e fortalecimento. Devido ao processo de apagamento tanto da língua, como das práticas culturais, tem impactado negativamente na cultura e na vida da comunidade. Hoje por meio da escola, a comunidade tem se empenhado em ações concretas de fortalecimento cultural, discutindo estratégias, pois, uma vez que se perde a língua, é uma parte importantíssima da identidade do povo que deixa de existir, e com ela muitas das práticas ritualísticas, sagradas, das quais se manifestam as diferentes formas da linguagem.

Essa afirmação ressalta que a linguagem, entre os povos indígenas, transcende o campo da comunicação funcional, assumindo um papel espiritual, político e social na mediação entre os mundos visível e invisível. No caso dos Chiquitano, esse entendimento fortalece o processo de revitalização da língua e dos saberes tradicionais, reforçando o vínculo entre educação escolar e território.

5. Resultados e Discussão

A observação *in loco* realizada ocorreu em dois momentos distintos, abrangendo aulas de três professores, nas turmas do Ensino Fundamental, Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao longo do acompanhamento das práticas pedagógicas, foi possível identificar competências marcantes por parte dos docentes, como paciência, empatia, clareza na comunicação e dedicação ao processo de ensino-aprendizagem. Tais qualidades se refletiram na diversidade de métodos utilizados em sala de aula, promovendo a participação ativa dos estudantes.

Foram observadas diferentes formas de linguagem: verbal, não verbal, visual, gestual e corporal. Essas linguagens se manifestaram por meio de atividades como desenhos, pinturas, cantos, leituras compartilhadas, debates e produções coletivas. A utilização de recursos como livros didáticos, pesquisa na internet, vídeos e filmes foi recorrente. Para os alunos do Ensino Fundamental, os filmes complementaram os conteúdos abordados; para os estudantes do Ensino Médio, os vídeos serviram como ponto de partida para debates críticos e produção de resenhas.

As práticas pedagógicas observadas nas turmas das séries iniciais e do Ensino Médio revelaram o uso constante de metodologias que integram múltiplas linguagens, com destaque para materiais visuais (imagens, gráficos, mapas) e experiências coletivas de aprendizagem. Essa diversidade contribui para tornar o processo de ensino mais dinâmico, inclusivo e conectado à realidade cultural dos estudantes.

Os documentos e materiais didáticos analisados — como o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, a *Coleção Didática Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso* e o livro *Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano* — reforçam o compromisso da instituição com uma educação intercultural e situada. O PPP, por exemplo, valoriza a participação dos anciãos nas atividades escolares, reconhecendo-os como detentores de saberes ancestrais fundamentais para o fortalecimento da identidade cultural da comunidade.

O livro *Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano* destaca práticas culturais observadas no cotidiano da aldeia, como a leitura dos sinais da natureza por meio do canto de aves (saracura, anhumã, andorinhas, cobrinha assobiadeira), que funcionam como marcadores naturais do tempo. Esses conhecimentos, tradicionalmente transmitidos de forma oral, são agora também registrados em forma escrita e visual por meio de desenhos elaborados por estudantes, que ilustram a articulação entre linguagem, território e memória coletiva.

Outro aspecto analisado no material é o calendário ecológico Chiquitano, que registra os períodos de maturação e colheita dos frutos típicos da região. Tal conhecimento, transmitido intergeracionalmente, serve como ferramenta de organização social, alimentar e ritualística. A escola, ao incorporar essas práticas ao currículo, atua como espaço de valorização da cultura local e de revitalização da língua originária.

Além disso, a escola participa de projetos de incentivo à produção acadêmica indígena, como o programa Ação Saberes Indígenas na Escola e a Iniciação Científica Júnior (ICJ). Nesta última, destaca-se a produção coletiva de estudantes do Ensino Médio que participaram da *I Olimpíada Nacional e 2ª Mostra Estadual Científica de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas*, realizada em Cuiabá em 2022. Os quatro primeiros capítulos da coletânea científica resultante foram escritos por esses alunos com apoio de professores orientadores, alguns deles bolsistas do CNPq.

As observações permitiram concluir que a escola tem desempenhado um papel essencial na construção do conhecimento a partir da realidade local, promovendo práticas pedagógicas que respeitam, valorizam e ressignificam as múltiplas formas de linguagem utilizadas pelos professores, estudantes, anciãos e lideranças comunitárias. A riqueza do processo educativo observado reside justamente na integração entre diferentes modos de expressão — linguagem verbal, não verbal, visual, oral, gestual, simbólica — e os saberes ancestrais que estruturam a identidade do povo Chiquitano.

Os dados coletados dialogam diretamente com os referenciais teóricos mobilizados neste trabalho, como o RCNEI/Indígena, Luciano (2017) e o próprio PPP da escola,

evidenciando que a diversidade linguística e cultural não apenas enriquece o ensino, como também constitui fundamento de uma educação indígena específica, diferenciada e emancipatória.

Considerações Finais

Este trabalho permitiu uma compreensão aprofundada sobre a relevância das múltiplas formas de linguagem no processo de ensino-aprendizagem em uma escola indígena Chiquitano. As práticas observadas demonstram que o espaço escolar, ao valorizar as expressões linguísticas, visuais, gestuais e simbólicas, torna-se um lugar de reconstrução identitária, fortalecimento cultural e resistência epistêmica.

A escola se mostrou aberta e comprometida com a pesquisa, assim como professores, estudantes e lideranças, que participaram de maneira voluntária, contribuindo com experiências e práticas pedagógicas enraizadas nos saberes ancestrais. A presença dos anciãos nas atividades escolares, o uso de materiais produzidos localmente e a vivência coletiva em torno dos saberes tradicionais evidenciam a potência de uma educação que reconhece os sujeitos indígenas como protagonistas do próprio conhecimento.

Nesse processo, torna-se indispensável destacar a importância do fortalecimento e da revitalização da língua Chiquitana, elemento central da identidade e da cosmovisão do povo. A língua é mais do que um meio de comunicação: ela é memória viva, elo entre gerações, instrumento de organização social e espiritual, e expressão de uma racionalidade própria. Sua preservação não é apenas um ato de resistência, mas de afirmação existencial diante dos efeitos históricos da colonização e da homogeneização cultural.

A revitalização linguística, nesse contexto, precisa ser entendida como uma política educativa e cultural fundamental. Conforme destaca Luciano (2017), as línguas indígenas possuem um caráter sociocósmico e político-pedagógico, sendo por elas que os povos constroem, transmitem e atualizam suas epistemologias e espiritualidades. Portanto, o compromisso com a manutenção da língua Chiquitana não se limita à escola, mas deve mobilizar toda a comunidade, em parceria com instituições educacionais, culturais e científicas.

É também nesse horizonte que se inserem os direitos linguísticos, defendidos por organismos internacionais como a UNESCO, que proclamou a década de 2022 a 2032 como a Década Internacional das Línguas Indígenas, com o lema “Nada sobre nós sem nós”. O objetivo é promover políticas públicas que garantam o uso, a documentação, o ensino e a valorização das línguas originárias. No Brasil, esses direitos são respaldados pela Constituição Federal de

1988, que assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem (art. 210, §2º), bem como o reconhecimento de sua organização social, costumes, línguas e tradições (art. 231).

Diante disso, reiteramos que é possível — e necessário — construir estratégias pedagógicas interculturais, inclusivas e linguisticamente sensíveis, que reconheçam as línguas indígenas como constitutivas da formação dos estudantes. A diversidade linguística é uma riqueza a ser preservada e promovida, e a escola indígena tem papel central nesse processo, ao atuar como parceira na reativação dos vínculos culturais e no fortalecimento das práticas ancestrais.

Por fim, ao elaborar este trabalho de conclusão de curso, pretendemos deixá-lo como contribuição para a escola e a comunidade, com o desejo de que ele sirva como ponto de apoio e valorização para as práticas educativas já em curso. A valorização da língua Chiquitana como herança viva, aliada ao compromisso com os saberes dos anciãos e a participação dos jovens, constitui um passo fundamental para o fortalecimento da cultura e da identidade do povo Chiquitano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica.** Resolução Nº 5, De 22 De Junho De 2012. Brasília, Diário Oficial da União, 22 de junho de 2012.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: ODS 4 – Educação de Qualidade.** Brasília: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/ods>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Coleção didática saberes indígenas na escola em Mato Grosso Cuiabá. **Marcadores do tempo na cultura do povo Chiquitano.** Rede UFMT - UNEMAT – UFR, 2022.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGÜÍSTICOS. Barcelona: PEN Club Internacional, 1996. Disponível em: <https://www.unesco.org/education/pdf/LANGUAGE.PDF>. Acesso em: 16 jun. 2025.

KAUARK, Fabiana da Silva. MANHÃES, Fernanda Castro, MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa:** guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88p.

KRENAK, Ailton. **Culturas indígenas. Depoimento gravado durante o evento Mekukradjá** – Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas, em setembro de 2016, em São Paulo/SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LEw7n-v6gZA>, acesso em: 24/03/2025.

LUCIANO, G.J dos S. **Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena**. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. p. 295-310, maio/ago. 2017. Disponível em >Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/download/4996/3368/0>>, acesso em: 24/03/2025.

LUCIANO, G. J. dos S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, Brasília, DF, 2006.

MATO GROSSO. **Projeto Político Pedagógico - PPP**. Escola Estadual indígena Chiquitano José Turíbio, Aldeia Vila Nova Barbecho, 2024.

PACINI, Aloir. **Identidade ética e território chiquitano na fronteira (Brasil Bolívia)**. Porto Alegre IFCH/UFRGS: [s.n.], 2012. Disponível em >
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/54128>. Acesso 02/12/2024.

RCNE/Indígena. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998.

UNESCO. **Década Internacional das Línguas Indígenas (2022–2032)**. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2021. Disponível em: <https://en.unesco.org/idil2022-2032>. Acesso em: 16 jun. 2025.